

Identificação cruzada*

Alfredo Naffah Neto
IBPW/IWA/PUC-SP

O conceito de identificação cruzada foi criado por Winnicott, que assim o define: “Um sinal de saúde na mente é a habilidade de um indivíduo de entrar imaginativamente e, ainda assim, acuradamente, nos pensamentos, sentimentos, esperanças e medos de uma outra pessoa; também de permitir que a outra pessoa faça a mesma coisa para nós.”

Num outro texto, ao falar sobre essa habilidade – conquistada ao longo do processo de amadurecimento –, ele nos diz: “Por meio das identificações cruzadas, a linha distinta entre eu e não-eu fica borrada”.

Entretanto, é preciso entender corretamente o que significa esse “ficar borrada”. Significa que, na identificação cruzada, eu me coloco dentro do outro e o outro se coloca dentro de mim, por meio dos processos de projeção e introjeção, conforme Winnicott salienta. Desta forma, eu me identifico com o outro e o outro se identifica comigo. Entretanto, eu me ponho dentro do outro sem me perder de mim mesmo; o outro se põe dentro de mim sem se perder de si mesmo. Ou seja, a identificação cruzada implica o paradoxo de estar em mim e no outro, ao mesmo tempo, identificado ao outro, mas continuando sobre os meus próprios pés.

Essa habilidade é conquistada ao longo do processo de amadurecimento da criança e ela é possibilitada por aquilo que Winnicott chamou de terceira zona ou espaço potencial. Este se forma por meio dos fenômenos transicionais, quando a mãe é substituída – durante espaços de tempo — por certos objetos: fralda, ursinho de pelúcia etc., os assim chamados objetos transicionais, que são aqueles que operam a transição do bebê do mundo subjetivo para o mundo objetivo e que abrem a psique infantil para os processos de simbolização. A terceira zona constitui, pois, esse espaço que é uma sobreposição entre mundo subjetivo e mundo objetivo, entre fantasia e realidade. É ela, pois, que permite esse paradoxo de poder estar em mim (na realidade) e no outro (na imaginação) ao mesmo tempo.

* Texto publicado originalmente no Blog do IBPW em 22 de setembro de 2021. Transcrição da fala de abertura da *live* “Identificação cruzada”, transmitida no YouTube pelo canal “Winnicott Urgente”, no dia 21 de agosto de 2021.

Existem pessoas que não têm essa capacidade de identificação cruzada e que, geralmente, são pessoas que sofreram grandes privações ou traumas ambientais no início da vida, entre elas os psicóticos e o sociopatas/psicopatas (duas nosologias que, parcialmente, se recobrem uma à outra). Sociopatas burlam e desconsideram quaisquer regras de convívio social; psicopatas reificam o outro e o tratam como objetos do seu puro prazer.

Os psicóticos (entre eles incluídos os pacientes de tipo *borderline*) são aqueles que sofreram um tipo de privação no estágio de dependência absoluta ou relativa e, conseqüentemente, não chegaram a distinguir o eu do não-eu, tendendo a fundir-se ao ambiente. Para eles, o “outro” não existe como alteridade, mas como um prolongamento de si próprios, portanto, o que se produz, na relação com o outro, é uma confusão de identidades e não uma identificação cruzada (que pressupõe uma distinção eu/não-eu).

Os sociopatas/psicopatas descrevem aqueles que sofreram de privação¹ quando já distinguiam mundo interno de mundo externo e, em função disso, formaram uma tendência antissocial, produzindo atos antissociais como, ao mesmo tempo, um pedido de socorro e uma cobrança do ambiente daquilo que sentem que o ambiente lhes deve. Uma tendência antissocial não tratada a tempo acaba propiciando ganhos secundários que, geralmente, levam à delinquência. A delinquência contumaz pode chegar ao extremo de transformar o indivíduo num sociopata/psicopata, para quem o outro deixa de existir como um semelhante a ser respeitado. O garimpeiro que invade a terra indígena, poluindo os rios e assassinando chefes tribais descreve bem esse tipo.

A capacidade de identificação cruzada constitui, entretanto, a etapa mais importante do processo de amadurecimento pessoal, pois é ela que permite, a cada um de nós, a possibilidade de se transformar num *cidadão do mundo*, para, além das distinções de raça, nacionalidade, gênero, religião etc. Nesse sentido, posso me identificar com o índio e sentir o seu sofrimento, por ver as suas terras invadidas, as matas queimadas e os rios poluídos. Posso, também, me identificar com os afrodescendentes e sentir o seu sofrimento pela discriminação de cor; com os homossexuais e os transgêneros, pelo preconceito e pelas agressões sofridas; com os fugitivos de guerra e perceber o quanto necessitam de acolhimento e segurança num país alheio.

¹ Winnicott usa dois termos diferentes para falar dos dois tipos de privação, a dos primeiros tempos e a do segundo tempo (quando eu e não-eu já estão distintos). São eles: *privation* e *deprivation*; para traduzir esse segundo termo e distingui-lo do primeiro, Zeljko Loparic propôs o neologismo “deprivação”.

Ou com animais maltratados, sentindo o quanto necessitam da proteção humana. E assim por diante.

Nesse sentido, a identificação cruzada é condição de um sistema democrático, já que a democracia pressupõe o convívio e o respeito entre diferentes e a capacidade de elaborar os conflitos que surgem dessa relação.